

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

CAROLINA ALVES PRADO  
GABRIELLE BARRETO DE MORAIS

HOMOSSEXUALIDADE E DOCÊNCIA: DESAFIOS E TABUS

Taubaté  
2019

CAROLINA ALVES PRADO  
GABRIELLE BARRETO DE MORAIS

HOMOSSEXUALIDADE E DOCÊNCIA: DESAFIOS E TABUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Área: Tópicos Específicos de Educação

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende

Taubaté  
2019

**SIBi - Sistema Integrado de Bibliotecas – UNITAU**

M827h Morais, Gabrielle Barreto de  
Homossexualidade e docência: desafios e tabus / Gabrielle  
Barreto de Morais, Carolina Alves Prado. -- 2019.  
41 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Pedagogia.  
Orientação: Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende,  
Departamento de Pedagogia.

1. Docência. 2. Homossexualidade. 3. Identidade de gênero  
na educação. 4. Trabalhos acadêmicos. I. Prado, Carolina Alves  
I. Título.

CDD – 371.1008664

CAROLINA ALVES PRADO  
GABRIELLE BARRETO DE MORAIS

HOMOSSEXUALIDADE E DOCÊNCIA: DESAFIOS E TABUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Área: Tópicos Específicos de Educação

Taubaté, \_\_ de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende  
Universidade de Taubaté (UNITAU)

---

Profª. Ma. Cleusa Vieira da Costa  
Universidade de Taubaté (UNITAU)

---

Profª. Ma. Luciana de Oliveira Rocha Magalhães  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

A todos que tiveram suas vozes silenciadas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu a vida e abriu portas em meu caminho para que eu chegasse até aqui.

À minha querida família por me ensinar todos os dias sobre fé e persistência. E principalmente por me apoiar e me ajudar tanto durante os anos de minha formação, me fazendo acreditar em meu potencial todos os dias.

Ao meu namorado Lucas que esteve comigo em todos os momentos me lembrando o quanto sou capaz, superando juntos várias das batalhas que enfrentei ao longo desses três anos de graduação.

Às minhas amigas do curso de Pedagogia por serem junto comigo mulheres fortes e que acreditam num futuro melhor. E por termos passado juntas por todos os momentos de desespero e principalmente de alegrias.

À Gabi, minha parceira neste trabalho, com quem me identifiquei desde o começo e que pudemos juntas realizar um trabalho baseado em uma luta a qual ela pertence e eu apoio com todo meu coração.

A todos os Mestres e Doutores da Universidade de Taubaté que contribuíram para a minha formação profissional.

Ao meu querido professor e orientador Me. Carlos Eduardo Reis Rezende, com quem pude aprender tanto durante suas aulas, e que com muita dedicação e paciência nos deu o prazer de orientar este trabalho tão gratificante.

Às professoras Mestras Cleusa e Luciana, mulheres que nos inspiram muito, e que aceitaram fazer parte da banca do nosso trabalho.

(Carolina Alves Prado)

Primeiramente, é difícil organizar as ideias e lembrar tudo que devo agradecer, tentarei.

Agradeço à Deus por ter me dado vida e por ter permitido que eu chegasse até aqui.

À minha mãe, meu irmão, minha avó e meus tios (Renato, Rick e Silvia) por não terem medido esforços em hipótese alguma para me ajudar, minha gratidão será eterna.

Ao corpo docente da UNITAU por contribuírem tanto na minha formação, por todo conhecimento que foi compartilhado e pela recepção amorosa.

Aos funcionários Rafael e Pedro, por me acolherem tão bem, pela recepção entusiasmada todas as manhãs.

Ao grupo (Félix, Marina, Mariane e Tamara) por todo apoio quando preciso, por termos permanecido firmes e sermos bases uns aos outros.

Ao meu amor, por ter me aguentado durante essa fase de pesquisa, por ter me aguentado nos momentos de desespero, nos momentos que eu achava que não daria conta (e foram várias vezes). Sem palavras para agradecer tudo que fez por mim.

Ao Gustavo e a Jéssica, meus companheiros do PEF (Programa Escola da Família) por todo incentivo, pelo laços que criamos e a importância de vocês nessa pesquisa também, por sermos fora do padrão juntos.

À Carol por desde o começo ter aceitado compartilhar desse trabalho comigo, por ter aguentado firme as ansiedades e os desafios que nos foram impostos durante a realização desse trabalho.

Ao nosso orientador Carlos Eduardo, a gratidão não tem explicação. Desde o começo quando conversamos pela primeira vez e você entendeu a ideia e o que queríamos. Grata por ter aguentado diversas mensagens, o desespero e a ansiedade.

Às professoras Cleusa e Luciana, que não mediram esforços para nos ajudar durante a realização dessa pesquisa, somos muito gratas!

À professora Luana Molina, que gentilmente respondeu meus e-mails e compartilhou materiais que nos fortaleceram muito nessa pesquisa.

(Gabrielle Barreto de Morais)

"Amor, quando vem, é igual em todo mundo. Bonito que só ele. Não tem regra." (Anavitória)

## RESUMO

A escola se constitui um espaço de encontro. Encontros entre indivíduos, encontro entre indivíduo e conhecimento, o que reflete o que é próprio da sociedade. Neste contexto, uma das realidades pouco discutidas, é a relação entre a escola como instituição social e a identidade do docente homossexual. Partindo do pressuposto que existe um tabu no que se refere à discussão da condição sexual do indivíduo na sociedade moderna, principalmente quando este assume um papel de mediador do conhecimento, a presente pesquisa procura responder à questão: Como as atuais pesquisas apresentam a relação entre o docente homossexual e a sociedade? Esta pergunta traz como objetivo sistematizar o conhecimento produzido sobre o tema, identificando a lógica sobre o fenômeno, além de possibilitar a identificação sobre os principais eventos (preconceito, discriminação, segregação) estudados quando se trata do assunto. Para atingir aos objetivos estabelecidos utilizamos de uma pesquisa bibliográfica, que adota como procedimento o trabalho com materiais já produzidos, tais como livros, revistas e trabalhos acadêmicos que procuram explorar o assunto frente à contraposição de ideais e levantamentos já realizados por outros pesquisadores. Constatou-se com a pesquisa, que a relação do docente homossexual com a sociedade é uma questão crítica e divergente em relação à opinião sobre o fenômeno reforçando a ideia de um tabu que não foi quebrado e que divide muitas opiniões em diversos sentidos seja na relação professor-aluno, seja o professor frente à comunidade, e que certamente há muitos desafios a serem enfrentados pelo docente em sua carreira.

Palavras-chave: Docência. Homossexualidade. Trabalhos Acadêmicos.

## **ABSTRACT**

*The school is a meeting place. Meetings between individuals, meeting between individual and knowledge, which reflects what is proper to society. In this context, one of the little discussed realities is the relationship between the school as a social institution and the identity of the homosexual teacher. Based on the assumption that there is a taboo regarding the discussion of the individual's sexual condition in modern society, especially when it assumes a role of mediator of knowledge, this research seeks to answer the question: How do current researches present the relationship between homosexual teacher and society? This question aims to systematize the knowledge produced on the subject, identifying the logic about the phenomenon, and enable the identification of the main events (prejudice, discrimination, segregation) studied when it comes to the subject. To achieve the established objectives we used a bibliographic research, which adopts as a procedure the work with materials already produced, such as books, magazines and academic works that seek to explore the subject against the opposition of ideals and surveys already performed by other researchers. It is with the research, that the relationship of the homosexual teacher with society is a critical and divergent issue in relation to the opinion about the phenomenon reinforcing the idea of a taboo that was not broken and that divides many opinions in several senses either in the teacher-student relationship, or the teacher in front of the community, and that there are certainly many challenges to be faced by the teacher in his career.*

*Keywords: Teaching. Homosexuality. Academic works*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 —	Infográfico produzido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com base nos dados obtidos pelo Disque 100. . . . .	13
Fotografia 1 —	Chanacomchana, folhetim que era publicado pelo GALF (Grupo de Ação Lésbica Feminista) . . . . .	15
Fotografia 2 —	Ferros's Bar, em São Paulo. Lugar onde o Chanacomchana era vendido antes da expulsão das integrantes do GALF do local. . . . .	15
Fotografia 3 —	Grupo Somos no protesto contra a “Operação Limpeza”, no dia 13 de junho 1980. . . . .	16
Fotografia 4 —	Integrantes do Grupo Gay da Bahia na década de 1980. . . . .	17
Fotografia 5 —	Mel C, ex-cantora da banda Spice Girls, sucesso nos anos 90. . . . .	18
Fotografia 6 —	Show da cantora Luisa Sonza, que declarou total apoio à causa e aos seus fãs homossexuais na para Gay de 2019. . . . .	19
Fotografia 7 —	HQ: Vingadores, a cruzada das crianças. . . . .	20
Fotografia 8 —	Público LGBTQIA+ na Bienal do Livro. . . . .	21
Fotografia 9 —	Público da Bienal protesta contra o prefeito do Rio, Marcelo Crivella, e o acusam de censura. . . . .	22
Fotografia 10 —	Ação do youtuber Felipe Neto na Bienal do Rio de Janeiro. O youtuber distribuiu cerca de 14 mil livros com temática LGBT durante a Bienal do Livro. . . . .	23
Tabela 1 —	Plataformas . . . . .	24
Tabela 2 —	Trabalhos acadêmicos utilizados . . . . .	25
Fotografia 11 —	Prova que foi aplicada na escola. . . . .	35

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPES	(Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GALF	Grupo de Ação Lésbica Feminista
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual, + abriga todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existam
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SEOP	Secretaria Municipal de Ordem Pública

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>HOMOSSEXUALIDADE: CONCEPÇÕES</b> .....	13
<b>3</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	24
3.1	PROFESSOR@S HOMOSSEXUAIS: SUAS VIVÊNCIAS FRENTE À COMUNIDADE ESCOLAR (LUANA MOLINA/ UEL) .....	26
3.2	NARRATIVAS DE PROFESSORES HOMOSSEXUAIS NA DOCÊNCIA E NO COTIDIANO ESCOLAR (FILIPE ANTONIO FERREIRA DA SILVA, TÂMIRES KAREN ELOI DAS CHAGAS, REGINA CELLY CLEMENTE SILVA) .....	27
3.3	EU ACHO QUE MINHA IDENTIDADE DE PROFESSORA É HOMOSSEXUAL: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSOR@S HOMOSSEXUAIS (FILIPE GABRIEL RIBEIRO FRANÇA) .....	29
<b>4</b>	<b>DISCURSO E REALIDADE : O QUE SUGEREM OS TRABALHOS ACADÊMICOS?</b> .....	33
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES, LONGE DE SEREM FINAIS</b> .....	37
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

A homossexualidade para nós sempre foi vista como algo normal, sem nenhum julgamento ou olhar negativo. Mesmo sabendo que vivemos em uma sociedade culturalmente preconceituosa e machista, entendemos que o amor entre duas pessoas do mesmo sexo é tão normal quanto entre duas pessoas de sexos diferentes. Apesar de pertencermos a uma sociedade moderna, sabemos o quanto é difícil muitas vezes ser homossexual e assumir esta condição, ainda mais quando se trabalha com educação e formação de pessoas.

Neste trabalho pesquisamos sobre este fenômeno, visto que o mesmo é pouco discutido no âmbito acadêmico. A importância desse trabalho se dá na medida em que o docente muitas vezes não tem espaço de fala sobre temáticas que geram polêmica, pois sabe que corre o risco de ser taxado, julgado e até mesmo prejudicado, bem como a pressão que esse profissional pode sofrer uma vez que assume sua condição sexual perante a comunidade escolar e a sociedade.

O objetivo geral deste trabalho foi explorar a temática da homossexualidade e docência e suas relações de gênero na escola. Para tanto se fez necessário compreender a realidade de professor@s homossexuais em seus locais de trabalho, uma vez que ser homossexual e assumir isso, é um ato de quebra de tabus.

Não foi fácil encontrar trabalhos que enfatizassem o profess@r nesta condição, visto que a escola, que deveria ser um espaço de diversidade, frequentemente passa a ser um local tenso, complicado de se conviver para o profissional homossexual. Essa dificuldade acontece porque a sociedade exclui as minorias e as coloca em uma posição angustiante, onde são vistas com julgamento, violência e desprezo. Por isso, alguns profissionais preferem não tocar em assuntos como esse e preservar sua segurança e integridade moral e física por meio do silêncio.

Para esta pesquisa, adotamos a metodologia bibliográfica, utilizando revistas, livros, trabalhos acadêmicos que abordassem o tema, dando foco aos profissionais docentes. O último tipo de conteúdo pesquisado foi a base maior para a realização desta pesquisa, pois por meio deles percebemos a importância dada aos relatos de experiências dos docentes, o que nos deixa entender que há mais pessoas interessadas em falar sobre um tema considerado tabu apesar de ser tão atual e presente.

Durante a produção desse trabalho acadêmico, utilizamos da linguagem neutra de gênero, usando o @ na palavra professores, afim de se livrar do binarismo que é imposto, de gêneros aceitos (feminino e masculino). Esse sinal gráfico é muitas vezes utilizado para esse fim, pois é formado por um a minúsculo envolvido por um semicírculo que traz a ideia da sobreposição da letra.

A pesquisa que foi feita trouxe a nós muitas reflexões, conhecimento, e nos despertou, mais ainda, a empatia e o respeito ao próximo, independente do que ou quem ele for. O

preconceito e a homofobia existem sim, e sabemos que estão longe de acabar, mas a forma com que tratamos a diversidade e as diferenças, passa aos que estão por chegar a ideia de que cada pessoa é o que realmente é, e tem direito de viver, amar, e ser feliz.

A partir deste trabalho, surgem questões como:

- Como a comunidade escolar reage ao saber da condição sexual de seus professor@s?
- Como a condição sexual de um docente interfere em sua vida profissional?
- A escola é realmente um local de acolhimento das diversidades e diferenças na prática?

Para melhor elucidar o estudo realizado, o apresentamos este Trabalho de Graduação, dividido em três partes. Na primeira parte, intitulada "Homossexualidade: concepções", nos comprometemos em explorar a temática sob o ponto de vista histórico e conceitual despindo-o de qualquer forma de estigmas ou marcas. Exploramos imagens, como elemento do discurso, corroborando com o ponto de vista que esta pesquisa adota.

Na segunda parte, a qual designamos, "Caracterização da pesquisa", apresentamos os elementos metodológicos que fizeram parte do processo de análise e compreensão do tema no meio acadêmico, visto que trouxemos para esta pesquisa, a leitura e o discurso de trabalhos acadêmicos que consideraram como fenômeno de pesquisa a identidade do sujeito marcado pela profissão docente e também a condição da homossexualidade.

E para terminar, nos propusemos, de maneira modesta, estabelecer uma semelhança no discurso, presente nos trabalhos acadêmicos

## 2 HOMOSSEXUALIDADE: CONCEPÇÕES

É perceptível a maior visibilidade que o movimento LGBTQIA+<sup>1</sup> vem ganhando na história atual. Essa perceptibilidade ocorre por meio de movimentos que se destacam como a parada LGBT de São Paulo, que existe desde 1997. A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Intersexos (ABGLT) que existe desde 1995, são movimentos que tem conquistado enorme visibilidade. Apesar de estarmos longe de uma sociedade sem preconceito, homofobia, intolerância e violência, já que dados disponibilizados pelo Disque 100, em 2017, mostram as denúncias realizadas por pessoas LGBT. Foram realizadas em torno de 2608 ligações, sendo elas:

Gráfico 1 - Infográfico produzido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com base nos dados obtidos pelo Disque 100.



Fonte: <https://www.politize.com.br/lgbtphobia-brasil-fatos-numeros-polemicas/>

Sabemos, portanto, que gays, lésbicas e transgêneros não apenas tem menos direitos do que os indivíduos heterossexuais, mas que também estão mais sujeitos à violência, à discriminação e ao preconceito em diversos âmbitos da vida social, tanto na vida adulta quanto na infância e na juventude. (MELLO; GROSSI; UZIEL, 2011, p. 161).

<sup>1</sup> LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual, + abriga todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existam

Mesmo longe de uma sociedade sem preconceito, homofobia, intolerância, violência, é possível ver a forma como os movimentos das minorias estão ganhando um espaço maior na sociedade atual, o movimento pela igualdade de direitos LGBTQIA+, fazendo com que mais pessoas conheçam a realidade desses indivíduos, passando por uma desconstrução, onde a tolerância e o respeito ao próximo, independente de sua condição sexual, se torna parte do que somos. Muito antes dos movimentos chegarem até aqui, a homossexualidade passou por momentos árduos. No século XIX, pessoas homossexuais eram vistas como doentes, sua condição sexual era comparada a diversas doenças e ainda eram temas de pesquisas, e de acordo com a área médica, por ser considerado doença, existia a possibilidade de uma 'cura' *"durante anos, médicos e cientistas procuraram intervir de forma científica, física ou psicologicamente, na dia anomalia que acompanhava as pessoas que se relacionavam com o mesmo sexo."*(TREVISAN, p. 177- 178)

Na década de 1970, começaram algumas manifestações pela causa, como o grupo SOMOS (Grupo de Afirmação Homossexual) de São Paulo. Nesse período o Brasil vivia na era do regime militar, o que causou a repressão das manifestações e censura a artistas e pessoas que estavam à frente dos movimentos. Trevisan (2007) relata que os homossexuais eram perseguidos e humilhados publicamente por policiais e militares que criavam razões indiretas para tais atos como “atentado ao pudor”, “vadiagem” ou “consumo de drogas”. Dessa forma, algumas organizações que prestavam apoio a grupos homossexuais se mantinham de forma clandestina.

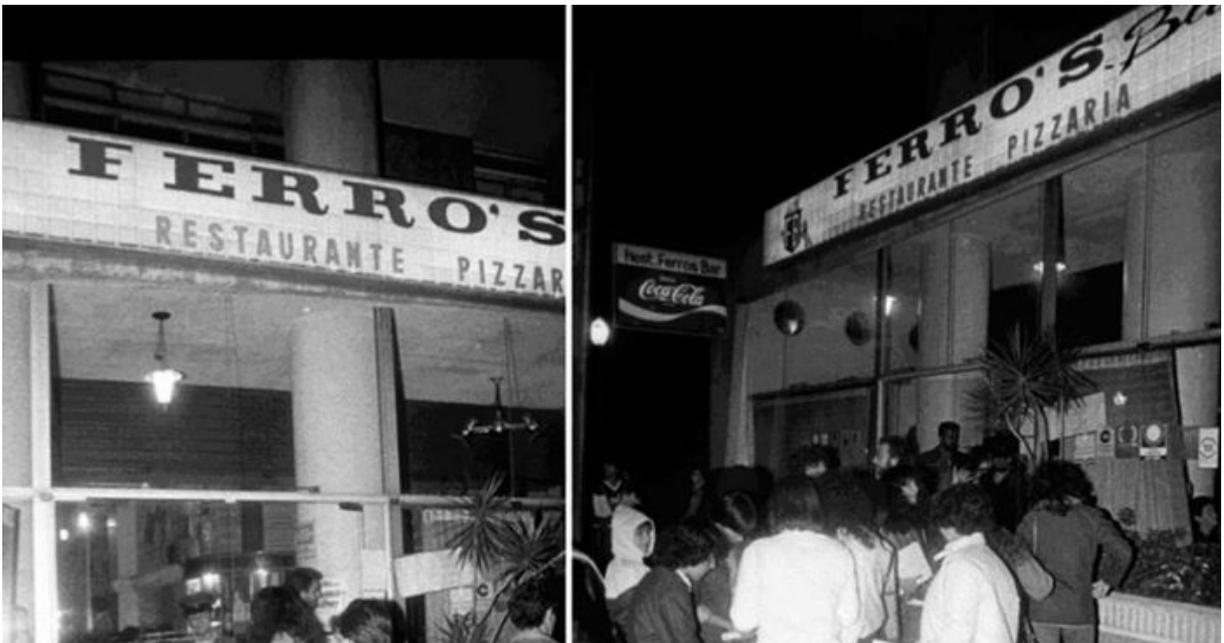
Na década seguinte, em decorrência de epidemias de algumas doenças como a AIDS, os homossexuais eram frequentemente associados ao vírus do HIV, como se todos eles fossem portadores do mesmo. Apesar disso, um novo discurso e uma nova reflexão sobre a homossexualidade passou a mostrar certa defesa e compreensão sobre a questão. Grupos homossexuais organizados surgiram como forma de se ajudarem e poderem se sentir aceitos em algum lugar. A união de minorias também foi um acontecimento importante nessa década, onde negros, mulheres e homossexuais se juntaram contra o preconceito e a violência. No dia 13 de junho de 1980 ocorreu o primeiro encontro de grupos homossexuais organizados, em forma de protesto contra a “Operação Limpeza”, com apoio do delegado José Wilson Richetti. Esse protesto foi uma consequência do alto índice de prostitutas, homossexuais e travestis sendo presos e espancados por policiais. Também nesse ano, o grupo Somos foi dividido, surgindo assim o primeiro grupo lésbico, chamado Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF). No ano seguinte, saiu a primeira publicação ativista lésbica do Brasil, o Chanacomchana. Esse jornal era vendido em um bar, cujos donos expulsaram as ativistas dois anos mais tarde. Assim, no dia 19 de agosto de 1983, o grupo GALF organizou um movimento pelo fim da proibição da venda do jornal, fazendo com que o dia 19 de agosto, seja considerado o Dia do Orgulho Lésbico no Estado de São Paulo.

Fotografia 1 - Chanacomchana, folhetim que era publicado pelo GALF (Grupo de Ação Lésbica Feminista)



Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/mulheres-lesbicas-feministas-brasil/>

Fotografia 2 - Ferros's Bar, em São Paulo. Lugar onde o Chanacomchana era vendido antes da expulsão das integrantes do GALF do local.



Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/mulheres-lesbicas-feministas-brasil/>

Fotografia 3 - Grupo Somos no protesto contra a “Operação Limpeza”, no dia 13 de junho 1980.



Fonte: [https://www.huffpostbrasil.com/2018/05/31/da-operacao-limpeza-a-cura-gay-os-40-anos-de-luta-do-movimento-lgbt-no-brasil\\_a\\_23448179/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/05/31/da-operacao-limpeza-a-cura-gay-os-40-anos-de-luta-do-movimento-lgbt-no-brasil_a_23448179/)

Fotografia 4 - Integrantes do Grupo Gay da Bahia na década de 1980.



Fonte: <https://grupogaydabahia.com.br/2018/06/28/>

Em consequência de toda a visibilidade que os movimentos foram ganhando, apesar de uma parte da sociedade aceitar com mais facilidade as pessoas homossexuais, algumas ainda não tinham aceitado que essa era uma questão de condição sexual e não escolha, ou até mesmo doença.

Neste contexto para as lésbicas, a socialização era mais restrita, pois segundo Green (2000):

As lésbicas não poderiam sequer se encontrar na rua. Aquelas que tivessem melhor condição econômica organizavam festas e reuniões em suas próprias casas e as mais pobres se masculinizavam para conquistar seu espaço e se impor dentro da sua comunidade. (GREEN; , 2000).

Dessa forma, podemos refletir a importância das lutas das minorias. Alguns grupos lutam para se sentirem parte da sociedade, outros, como as lésbicas, por exemplo, além de lutar por respeito e integração social, lutam também por uma comunidade própria.

Podemos perceber nesse relato, que a homossexualidade está condicionada a uma problemática política tendo em vista as questões afetivas, jurídicas e de direito que envolve seguridade social.

Na década de 90, acontece o período de inserção dos homossexuais em diferentes campos da sociedade. O “consumo guei” (Trevisan, 2007, p. 376) passa a crescer e assim

existe uma demanda grande de produtos que são dirigidos para esse público e com isso, o público passa a ser visto como um consumidor que tem dinheiro.

Também na década de 90 surge a necessidade de definir os termos homossexual, gay, homoafetivo, homossexualismo, homossexualidade.

Trevisan (2007, p.188) considera que tanto faz utilizar os termos gay, homossexual ou homoerótico, pois ainda a sociedade vê o homossexual como doente a anormal.

Com a parada do orgulho gay sendo um dos maiores eventos da cidade de São Paulo, podemos ver que cresce cada vez mais o número de artistas e influenciadores que apoiam a causa, realizando shows, postagens em redes sociais, entrevistas e campanhas que nos provam isso, como na 23ª Parada Gay de São Paulo (2019), que contou com diversos shows de artistas renomados.

Fotografia 5 - Mel C, ex-cantora da banda Spice Girls, sucesso nos anos 90.



Fonte: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/parada-lgbt/2019/06/mel-c-agita-a-parada-lgbt-com-classicos-das-spice-girls>

Fotografia 6 - Show da cantora Luisa Sonza, que declarou total apoio à causa e aos seus fãs homossexuais na para Gay de 2019.



Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/23/fotos-veja-imagens-da-23a-parada-lgbt-de-sp.ghtml>

Mesmo com as mudanças ocorridas no Brasil, como observado anteriormente, a homossexualidade ainda é vista como uma prática sexual marginal, o que acaba gerando uma interferência para que as pessoas homossexuais utilizem da liberdade e do mesmo direito dos heterossexuais. Assim, podemos ver que cada vez mais, o preconceito com o homossexual infelizmente é, ainda, uma prática considerada por muitos como algo corriqueiro na sociedade em que vivemos.

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento e de expressão. Esse direito compreende a liberdade de buscar, receber e difundir informações e ideais de toda natureza, sem consideração de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer outro processo de sua escolha. (BRASIL)

Uma lei que garante que todos tem direito a liberdade de pensamento, infelizmente, nos dias atuais ainda não tem sido uma lei que abrange o público LGBTQIA+. Temos como evidência disso, um fato que aconteceu recentemente na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, onde o prefeito Marcelo Crivella enviou fiscais para que retirassem dos estandes livros com a temática LGBTQIA+, afirmando que tratava de livros com conteúdos impróprios.

Tudo isso começou por causa de uma HQ “Vingadores, a cruzada das crianças”, que contém um beijo gay. Segundo o prefeito Crivella, isso é um conteúdo impróprio para menores. Só que, segundo a SEOP (Secretaria Municipal de Ordem Pública) “não foi

encontrado material em desacordo às normas do Estatuto da Criança e do Adolescente”.

Fotografia 7 - HQ: Vingadores, a cruzada das crianças.



Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/09/vingadores-cruzada-das-criancas-conheca-hq-que-crivella-tentou-proibir-na-bienal.html>

O ministro Gilmar Mendes se posicionou sobre o ocorrido, com sua fala: "O entendimento de que a veiculação de imagens homoafetivas é 'não corriqueiro' ou 'avesso ao campo semântico de histórias de ficção' reproduz um viés de anormalidade e discriminação que é atribuído às relações homossexuais. Tal interpretação revela-se totalmente incompatível com o texto constitucional e com a jurisprudência desta Suprema Corte, na medida em que diminui e menospreza a dignidade humana e o direito à autodeterminação individual".

Podemos ver que não é uma luta antiga, a luta pelos direitos LGBTQIA+ é uma luta que permanece até os dias atuais. Em pleno século XXI livros serem censurados por conterem conteúdo “inadequado”.

No entanto, temos visto que o público LGBTQIA+ não tem desistido da luta e permanece firme lutando pelo seus direitos, já dizia Caio Fernando de Abreu “É difícil aprisionar os que têm asas.”

Fotografia 8 - Público LGBTQIA+ na Bienal do Livro.



Fonte: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2019/09/grupo-protesta-contracensura-na-bienal-dolivro-no-rio-de-janeiro-1014197634.html>

Fotografia 9 - Público da Bienal protesta contra o prefeito do Rio, Marcelo Crivella, e o acusam de censura.



Fonte: <https://odocumento.com.br/video-publico-da-bienal-protesta-contra-crivella-nao-vai-ter-censura/>

Fotografia 10 - Ação do youtuber Felipe Neto na Bienal do Rio de Janeiro. O youtuber distribuiu cerca de 14 mil livros com temática LGBT durante a Bienal do Livro.



Fonte: <https://exame.abril.com.br/brasil/youtuber-felipe-neto-distribui-livros-lgbt-na-bienal-contr-a-censura/>

Após apresentarmos uma discussão sobre os conceitos que permeiam a ideia de homossexualidade, partimos para a pesquisa de artigos que abordassem a questão do docente homossexual perante à comunidade escolar e à sociedade. Assim, pudemos escolher entre eles, três trabalhos acadêmicos, que nos levaram a refletir sobre o assunto.

### 3 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Os trabalhos acadêmicos são de anos diferentes, sendo publicados em 2011, 2016 e 2017. Foi um desafio encontrar artigos que englobassem esses relatos de professor@s homossexuais em relação à escola.

Para encontramos os trabalhos acadêmicos utilizamos das plataformas: CAPES e o SciElo.

Tabela 1 - Plataformas

Plataforma	Palavra-chave	Quantidade encontrada
CAPES	Homossexualidade e Docência	36
SciElo	Homossexualidade	188

Fonte: Os autores (2019)

Como mostrado na tabela anterior, utilizamos de palavras-chaves para localizar os trabalhos acadêmicos, o nosso interesse era em trabalhos que abordasse a homossexualidade e a docência, assim que localizados nas duas plataformas, realizamos uma breve leitura dos que abordavam a temática desejada e selecionamos o que mais nos atraiu.

A pretensão dessas comparações é mostrar como tem sido as experiências desses professor@s homossexuais dentro da escola, tendo em vista que a ideia de escola é como um espaço de construções das diferenças, como Louro aponta:

“[...] Diferença, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. Concebida inicialmente para acolher alguns – mas não todos – ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles aos quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos.” (LOURO, 1999, p. 57).

Ao pesquisar sobre o tema, foram encontrados diversos trabalhos acadêmicos voltados para o mesmo. Porém o requisito principal foi o enfoque dado à vivências de professor@s homossexuais na área escolar.

Tabela 2 - Trabalhos acadêmicos utilizados

Títulos	Autor/es	Modalidade de trabalho acadêmico	Ano
Professores Homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar	MOLINA, Luana	Monografia	2011
Eu acho que minha identidade de professora é homossexual: narrativas e experiências de professor@s homossexuais	FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro	Dissertação	2014
Eu acho que minha identidade de professora é homossexual: narrativas e experiências de professor@s homossexuais	SILVA, Filipe Antonio Ferreira da, CHAGAS, Tâmires Karen Eloi de, SILVA, Regina Cely Clemente	Monografia	2016

Fonte: Os autores (2019)

No trabalho, "Professores Homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar", escrito por Luana Molina. a autora teve como objetivo da pesquisa levantar uma proposta de discussão em relação à vivência e experiências diárias de professor@s homossexuais dentro das escolas, partindo do pressuposto de que professore@ com essa condição sexual sofrem preconceito e discriminação a partir do momento em que as pessoas sabem ou desconfiam dela.

Para a formação de sua pesquisa, Molina usou abordagem qualitativa, se baseando em uma análise de discurso feita a partir das narrativas de professor@s homossexuais com quem conversou sobre situações em que vivenciaram algum tipo de preconceito ou não quanto a ser homossexual e docente, e como isso interfere em suas vidas profissional e pessoal.

Segundo os autores do segundo trabalho acadêmico, "Narrativas de professores homossexuais na docência e no cotidiano escolar", Silva, Chagas e Silva, eles visaram ao escrever e publicá-lo:

[...] compreender as experiências relativas a construção de identidades de professores homossexuais na prática docente e cotidiano escolar, juntamente com os objetivos específicos mapear os principais fenômenos da identidade homossexual dos professores das escolas privadas e públicas de Caruaru, identificar os dispositivos pedagógicos utilizados pelos professores para subverter os discursos dominantes em sua sala de aula e levantar as principais percepções da comunidade escolar sobre a presença de professores homossexuais.

Isso por conta de que, a diversidade sexual não é um assunto tão explorado e discutido nas escolas como deveria ser. Assim, se for um assunto em pauta, a escola começará a ser um ambiente mais tolerante em relação a tantas diferenças e diversidades presentes dentro dela. Em sua metodologia foi feita uma pesquisa qualitativa/exploratória utilizando entrevista e análise documental, para coleta dos dados apresentados.

Já no trabalho "Eu acho que minha identidade de professora é homossexual: narrativas

e experiências de professor@s homossexuais", escrito por Filipe Gabriel Ribeiro França, o autor entrevistou sete professor@s que se identificam como homossexuais, tendo como objetivo responder à questão: "quais as narrativas, experiências e de que modos se constituem @s professor@s homossexuais?". Para isso, utilizou como referencial teórico-metodológico a perspectiva pós- estruturalista. Segundo França:

A partir dessa perspectiva pode problematizar as formas pelas quais @s professor@s vão se constituindo enquanto docentes homossexuais e discutir como ess@s professor@s vão se produzindo nas relações de poder, nas relações com o outro e, sobretudo, como se relacionam com a instituição escolar. (França, 2014)

França propõe nesse trabalho que os sete professor@s entrevistados sejam coautores do mesmo, podendo assim narrar fatos e situações vivenciadas por eles, de forma que o leitor tenha total compreensão do que é a realidade de um docente homossexual, quais seus desafios, suas inseguranças e etc. Com esse artigo o autor pretende não citar verdades, ou até mesmo certezas vindas de situações vividas pelos professor@s que fizeram parte da produção do artigo, mas sim, criar debates, questões, problematizações a respeito do assunto. No decorrer desta travessia não pretendi e nem desejei produzir certezas e/ou verdades, pelo contrário, quis que elas fossem problematizadas, colocadas em questão, discutidas, abaladas e desmanchadas. (FRANÇA, 2014).

### 3.1 PROFESSOR@S HOMOSSEXUAIS: SUAS VIVÊNCIAS FRENTE À COMUNIDADE ESCOLAR (LUANA MOLINA/ UEL)

Na monografia “Professores Homossexuais: suas vivencias frente à comunidade escolar”, trabalho de monografia defendido na Universidade Estadual de Londrina, a autora utilizou nomes fictícios para os professor@s entrevistados por ela. Molina pretende com esses relatos, compreender qual é a realidade de professor@s homossexuais dentro de seu ambiente de trabalho, visto que a homofobia é ainda um problema político e social, que afeta milhares de pessoas em vários aspectos, trazendo-as muitas vezes afastamento da família, depressão, desmotivação, violência, medo, além de desvalorização profissional.

A partir dos relatos presentes neste trabalho, constata-se que os entrevistados possuem diferentes vivências, porém todas envolvem situações e experiências de homofobia. Dois deles nos mostram situações de dor, discriminação, preconceito e desvalorização do profissional. Já o outro, nos mostra um relato de um profess@r que nunca viveu uma situação dessas, mas que conhece professor@s que vivenciaram situações parecidas.

O primeiro relato mostrado é o da professor@ Cristina, que trabalhava em uma escola católica. Assim que contou sua condição foi mandada embora. Antes da despedida da escola, ficou por dois meses trabalhando em uma sala separada fazendo trabalhos manuais, não podendo ter contato com os colegas e nem com os alunos.

Quando perguntada sobre a discriminação, disse que não sentia isso por parte das crianças, mas sim por parte dos colegas de trabalho. Relata que foram dois meses muito difíceis, pois estava se descobrindo e tinha acabado de começar um relacionamento com outra mulher. Elas decidiram morar juntas, mas como ela foi mandada embora as coisas ficaram difíceis, além de tudo financeiramente.

A professor@ entrou com processo contra a escola, no qual ganhou em primeira instância. Quando eles recorreram, o caso foi para Curitiba e o desembargador encerrou o caso como falta de provas.

O professor Celso, segundo entrevistado, na época lecionava História em rede privada e cursinhos pré-vestibulares, relatou nunca ter vivenciado uma situação de preconceito e discriminação até aquele momento de sua carreira. Porém, quando perguntado se conhecia algum caso com algum colega de trabalho ter sofrido algum tipo de discriminação por conta de sua condição, o professor disse que sim. O amigo do professor, além de ser homossexual era negro, o que pelo relato do professor Celso o causava dois tipos de situações de preconceito e discriminação: sua condição sexual e sua cor.

O último entrevistado foi o professor Caio, que atuava na área de Literatura em cursinhos pré-vestibulares. Ele conta que ele e mais um colega professor de História, viajavam muito por conta das escolas, e acabaram uma vez indo para Londrina, onde uma escola chamou o professor de História para perguntar sobre o professor Caio.

A direção da escola perguntou ao professor se ele tinha conhecimento de algum caso que pudesse envolver Caio e algum aluno, e como era seu comportamento. Seu amigo ficou indignado com a pergunta e questionou o porquê disso. E disse que diria a Caio somente que não deu certo e não iriam trabalhar naquele colégio. Também aproveitou para dizer á direção da escola que se ela mede a competência profissional de um educador de acordo com a condição sexual dele, é porque eles ainda não aprenderam a ser bons gestores.

O professor Caio disse na entrevista que se sentiu chateado pelo acontecido, mas que por outro, se sentiu feliz em ter um amigo que fizesse isso por ele, pois segundo ele, não existem muitas pessoas que façam isso por você, principalmente quando se tem a mesma profissão.

### 3.2 NARRATIVAS DE PROFESSORES HOMOSSEXUAIS NA DOCÊNCIA E NO COTIDIANO ESCOLAR (FILIPE ANTONIO FERREIRA DA SILVA, TÂMIRES KAREN ELOI DAS CHAGAS, REGINA CELLY CLEMENTE SILVA)

Os autores buscam compreender as práticas relativas a construção de identidades de professor@s homossexuais na prática docente e no cotidiano escolar, a pesquisa foi realizada tanto na escola pública, quanto na escola privada.

Realizar uma pesquisa sobre as experiências de professor@s homossexuais, é acreditar na importância desse indivíduo na sociedade e entender que os mesmos não devem sofrer preconceito/discriminação. Fernando Seffner (2006) diz a respeito que:

A crença socialmente institucionalizada segundo a qual existira apenas um modo legítimo de viver as masculinidades e as feminilidades e uma única forma “sadia e normal” de expressar-se sexualmente – a heterossexual- vem fazendo com que os sujeitos que não se adequam nessa representação sejam colocados e se sintam à margem, como “desviantes”, “aberrações”, “contra a natureza” (SEFFNER, 2006, p. 91-92).

Muitos professor@s homossexuais tem sido colocados às margens e visto como uma ameaça dentro do seu próprio local de trabalho, devido à sua condição sexual. Professor@s vivem situações de preconceitos, homofobia pelo fato de assumirem a identidade homossexual diante da comunidade escolar.

Quando um professor assume a sua condição sexual, não é algo simples, porque ao fazer isso, ele mostra que não se enquadra nos padrões estabelecidos pela sociedade atual. CHAGAS; SILVA; SILVA apontam no artigo que:

a escola é o lugar de quebras de paradigmas, mas também é o lugar que pode cada vez mais colocar tais modelos com regra de vida a ser seguida. As instituições de ensino são lugares privilegiados e é neste ambiente que podemos quebrar a corrente do preconceito e da discriminação. Pode ser ensinado respeito às diversas formas de ver o mundo, e as diferentes formas de se relacionar (SILVA; CHAGAS; SILVA, 2016).

E isso é algo extremamente importante, a escola atualmente ao invés de quebrar paradigmas, ensinar que existe diferenças e que as diferenças precisam ser respeitadas, acabam colocando mais modelos de regras de vida, como dito anteriormente pelos autores.

Algo de extrema importância que os autores apontam no artigo é: “A nossa sociedade não compreende que ser ou não homossexual, não define a prática do professor.”

Quando um professor assume uma sala de aula, tudo que ele precisa ter é profissionalismo. Ele ser homossexual ou não, não deveria e não deve implicar sobre o modo como o mesmo pode levar os alunos a ter uma formação excelente.

No artigo chama a atenção quando os autores apontam que “dizer que a escola é um lugar de possibilidades é dizer que ela precisa contribuir para ações de cunho reflexivo, a começar com a discriminação contra seu próprio corpo docente que tem como condição sexual a homossexualidade.” E logo em seguida, já confirmam que isso não é uma realidade presente, mostra que a sexualidade em si é pouco tratada na escola e logo apresentam o relato de um professor

Nas escolas em que trabalho não existem muitas ações com relação a homossexualidade, por exemplo, existem ações pra falar sobre o racismo, já existe um programa na escola, mas com relação a homossexualidade não há nenhuma programação, até porque materiais pra se usar em sala de aula, são poucos e os que tem não correspondem muito a nossa realidade. E eu atuo mais dentro da sala de aula, às vezes tirando alguma dúvida sobre o tema quando surge algum questionamento essas coisas simples. Mas não há nenhuma programação (Professor II); apud, Chagas; Silva; Silva. p.13

Durante a entrevistas, quando os professor@s são questionados sobre afirmar quem

eles são na área de trabalho, podemos encontrar as seguintes respostas:

“Significa me aceitar e tentar se fazer aceito, porque isso é uma coisa normal, ou pelo menos deveria ser na sociedade” (Professor I)

“Significa decidir se aceitar e se despir de seu próprio preconceito para assim tentar despir o preconceito do outro. Ter identidade homossexual é ser homossexual assumido perante a sua comunidade” (Professor II)

Louro (apub, Chagas; Silva; Silva. p.13) aponta que “a afirmação da identidade supunha demarcar suas fronteiras e implicava numa disputa quanto às formas de representá-la” (Louro 2001) Para o Professor I:

“quando as pessoas passam a nos conhecer a fundo, eles podem mudar algumas opiniões a nosso respeito que estão estigmatizadas e estereotipadas. Quando nos mostramos e nos aceitamos, abrimos espaço para que o outro conheça melhor nossa realidade.” (Professor I)

### 3.3 EU ACHO QUE MINHA IDENTIDADE DE PROFESSORA É HOMOSSEXUAL: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSOR@S HOMOSSEXUAIS (FILIPE GABRIEL RIBEIRO FRANÇA)

No trabalho “eu acho que minha identidade de professora é homossexual: narrativas e experiências de professor@s homossexuais.” defendido pelo professor Filipe Gabriel Ribeiro França em seu mestrado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no ano de 2014. Conta com relatos de experiências de 7 professor@s homossexuais.

O professor Filipe Gabriel começa questionando se “dá para conciliar as duas identidades: docências e identidades sexuais”. Afirma que “somos muitas coisas ao mesmo tempo e também somos professor@s” (Filipe Gabriel, p. 146). Buscando através dessa afirmação responder como se dá o encontro da docência e da homossexualidade?

O autor propõe algumas questões para os professor@s<sup>1</sup>, pretendemos através das respostas dos docentes apontar alguns desafios enfrentados pelo mesmos. A pergunta inicial é “você acha que a identidade homossexual interfere na identidade de professor?”

“acho que sim. Interfere em toda a vida da gente. O que me levou a fazer História, por exemplo, foi querer mudar o mundo e naquele momento querer o mudar o mundo não era levantar bandeira gay, era querer um mundo melhor, e a gente não deixa de querer. Hoje para mim aquele mundo melhor passa pelo respeito à homossexualidade, respeito a mim primeiro como pessoa, com as minhas características, com o meu jeito de ser. Acho que é tudo uma coisa só, não tem como dissociar uma coisa da outra.” (Professor Joca Ramiro)

Para o professor Joca Ramiro, ser homossexual e ser professor interfere em todos os momentos da vida, ao mesmo tempo no relato do professor, é notório que ele tinha uma visão e depois passa a ter outra quando relata que “para mim aquele mundo melhor passa pelo respeito à homossexualidade, respeito a mim primeiro como pessoa, com as minhas

características, com o meu jeito de ser”. Esse relato do professor mostra que o mesmo compreende que a identidade é um processo contínuo e através disso se faz importante frisar que “não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, do outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha” (BRITZMAN, 1996, p. 74).

E é notório que o professor entende a identidade como um processo contínuo quando o mesmo durante seu relato afirma que “não tem como dissociar uma coisa da outra”, discorrendo sobre o fato de ser professor e ser homossexual. Por meio disso, podemos entender que toda identidade “é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada” (BRITZMAN, 1996, p.74).

Já para a professora Otacília:

“eu acho que minha identidade de professora é homossexual. Tem essas questões de conflito de espaço. O espaço em que você pode dizer que é, que se assume ou não assume. É muito complicado, mas eu não vejo isso separado. Essas identidades não se relacionam, elas são juntas, não tem como separar, não tem como descolar isso. Tudo o que eu passei no despertar da minha sexualidade eu envolvo na minha prática. As reflexões que o meu corpo me trouxe disso eu uso na minha prática docente” (Professora Otacília, p. 149)

Segundo Filipe Gabriel “a professora se vê em uma posição de cuidado consigo mesmo, que a conduz a diferentes processo de negociação do ato de assumir-se homossexual de acordo com o espaço em que irá lecionar”.

A professora Otacília é bem convincente sobre a união das identidades, mas também é notório o medo de se assumir homossexual. Nem todos os espaços agem de forma receptiva com o professor homossexual, segundo Louro “o lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância” (LOURO, 2010, p. 30)

A escola é sim um ambiente dificultoso para qualquer pessoa que assuma uma identidade sexual diferente da heterossexualidade, não precisa necessariamente ser um professor, qualquer pessoa (diretor, funcionário e até mesmo aluno) está sujeito a não ter uma boa receptividade.

O professor Quelemém, narra uma situação em que viu um grupo de estudantes falando sobre a sexualidade de um colega dele, também professor, que nunca havia falado sobre a mesma. Ele percebeu que o grupo estava falando alto e zombando daquele sujeito. Então ele chegou perto e questionou o porquê de estarem fazendo aquilo, e logo em seguida ouviu a seguinte questão: “O senhor também é?”. Ele relata que na hora se sentiu bastante impactado e ao mesmo tempo sentiu que poderia trabalhar com aquilo. Porém, no momento deu a seguinte resposta ao grupo: “Eu não vou responder a essa pergunta. Vocês vão ficar com essa dúvida”.

Para a pergunta do autor, ele disse que o professor homossexual tem medo dessa

curiosidade dos alunos. Segundo ele:

“[...] eu confesso que fico receoso e não sei como lidar porque tem essa questão do professor ter o domínio sobre aquela turma, sobre aquele aluno. Então a partir do momento que ele sabe o seu ponto fraco aquilo te faz começar a passar por uma tensão. Por nunca ter passado por alguma situação de preconceito, às vezes, eu fico com medo de passar”. (Professor Quelemém, p.153)

O “normal” visto pela sociedade, é o sujeito heterossexual, esse nunca vai passar por questionamentos do por que gostar de pessoas do sexo oposto. Por essa razão entendemos que muitos professor@s e outros profissionais de outras áreas também, preferem não revelar sua sexualidade e não responder quando perguntado. Para Louro (2010), “para aqueles e aquelas que se reconhecem nesse lugar, de vivenciar uma sexualidade diferente da heterossexualidade, “assumir” que se é homossexual pode ser um ato político, uma defesa da multiplicidade sexual, e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização”.

A sociedade em que vivemos é culturalmente preconceituosa em vários âmbitos, sendo assim, não é diferente em relação à homossexualidade. Podemos ver um exemplo de cultura do preconceito em uma situação relatada pelo professor Hermógenes que diz o seguinte:

“Uma vez eu tinha um aluno pequeno e chegou uma outra aluna e falou assim: “oh, professor, o fulano falou que o senhor é viado”. E eu fui e chamei aquele toquinho de gente e perguntei porque que ele estava falando isso e ele respondeu: “foi minha mãe que falou”. Então é tudo reprodução”. (Professor Hermógenes, p. 159).

Nessa fala podemos ver que a criança que é um ser pequeno, sem muitas vivências no mundo, reproduziu para uma colega de sala uma fala de sua mãe, que provavelmente tenha falado em forma de piada, ou para outro adulto ou para a própria criança, que desde cedo vai construindo sua identidade, valores e ideologias. Assim, segundo Filipe França:

“O professor Hermógenes faz uma observação importante ao destacar a experiência de ter sido chamado de “viado” por um aluno da educação infantil. Ao ser indagado pelo professor e responder “foi minha mãe que falou”, a criança passa a ser reprodutora de um discurso sobre a homossexualidade vindo de sua casa. Mas será que esta criança sabe realmente o que está dizendo? Será que ela sabe o que é “viado”? Provavelmente não e o professor Hermógenes tem ciência disso [...]”.

Os professor@s Medeiro Vaz e Ricardão, quando perguntados se já tiveram sua sexualidade questionada por um estudante, disseram:

“Não. Por incrível que pareça não. Os únicos que questionaram foram ex-alunos meus, que após o ano letivo acabar eu descobri que eles eram gays. Eu nunca cheguei e perguntei se eles eram gays. Eu fui descobrir que eles eram gays quando eu estava na boate e eles falaram: “uai professor, mas você tá aqui”. E eu respondi: “mas você também tá aqui”?”. (Professor Medeiro Vaz, p.164)

Já o professor Ricardão, respondeu o seguinte:

Já encontrei com aluno que já esbarrou comigo lá na noite, na balada. Por esse fato sabiam e começaram a fazer conversinha dentro da sala de aula e eu cortei e não foi pra frente

(Professor Ricardão, p. 164).

No caso do Professor Medeiro Vaz, somos levados a perceber que todos os sujeitos ficaram surpresos, não só os alunos. A questão de encontrar um professor fora do ambiente escolar já é curiosa, os alunos algumas vezes imaginam, pensam no que seus professor@s fazem quando não estão na sala de aula. Assim como para o professor também parece ser “estranho” imaginar seus alunos em uma boate.

Ao mesmo tempo, a surpresa aconteceu em um local repleto de liberdade, onde as pessoas podem ser quem elas realmente são, o que provoca certo alívio nas pessoas, por poderem expressar seus desejos sem medo, o que não é tão visto dentro das escolas.

Com o professor Ricardão, após o encontro fora do ambiente escola, também em uma balada, aconteceu a tão temida conversinha, fofoca entre os alunos dentro da sala de aula. Por isso a escolha do professor de cortar isso logo no começo para não aumentar a história, certo de que um professor tem liberdade para ser o que quiser, assim como qualquer outra pessoa.

Declarar-se homossexual já é um ato difícil. Agora declarar-se homossexual em um espaço escolar cujo lugar é de educar o outro, de vivências e construção de identidades, é mais difícil ainda, já que:

De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade (LOURO, 2010,p.29).

#### 4 DISCURSO E REALIDADE : O QUE SUGEREM OS TRABALHOS ACADÊMICOS?

Nesse capítulo apontaremos para alguns elementos comuns presentes nos trabalhos acadêmicos estudados, onde destacou-se alguns relatos de professor@s e suas vivências como professor@s homossexuais.

Vimos que na maioria dos relatos @s professor@s sentiam a mesma coisa: medo, medo de serem o que são, medo de serem julgados e até mesmo sofrerem alguma violência, já que ninguém está livre de sofrer algum crime de ódio devido sua condição sexual, segundo a ILGA (intervenção lésbica, gay, bissexual, trans e intersexo) que é uma instituição que pesquisa e acompanha questões sobre a diversidade de condição sexual e de gênero:

[...] apesar de consideramos que ninguém deva ser discriminado, perseguido ou morto com base na orientação sexual, todos nós sabemos que as chances de uma total erradicação da homofobia ou do racismo, ou outras formas de ódio da humanidade não são muito elevadas. Provavelmente haverá sempre alguns indivíduos infectados com o vírus do ódio homofóbico, como haverá sempre estupradores, torturadores assassinos. O que é inaceitável, porém, é a ideia de um Estado sancionar e encorajar estas práticas, sobretudo quando o mesmo Estado proclama respeitar os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ILGA, 2009, p. 1).

Assim desta a Constituição Federal da República Federativa do Brasil:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

(...)

III - a dignidade da pessoa humana;

(...)

X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; (Brasil, 1988).

E ainda:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (Brasil, 1988).

Isso é algo que precisa ser refletido criticamente, pois vemos que os direitos humanos são para todos, porém grupos de minorias muitas vezes acabam não sendo protegidos e amparados por nenhum órgão, exceto os que são exclusivamente voltados para eles.

A parte de comparar os trabalhos que utilizamos para a pesquisa foi o momento mais difícil, porque ao mesmo tempo em que os relatos sempre diziam sobre a mesma coisa, o medo, as histórias eram diferentes, professor@s que publicamente no espaço escolar “saíram do armário” e outr@s que ainda permanecem no “armário” indecis@s.

Pudemos perceber que parte d@s docentes acha importante mostrar quem e o quê são, pois assim podem ajudar a transformar a homossexualidade e a diversidade de gênero em algo não mais visto como tabu e também dar apoio e encorajar alunos que passem pela mesma

situação. Já outra parte, percebemos que prefere não se aprofundar no tema, deixando para as pessoas a dúvida se tal profissional é ou não homossexual, pois assim não tem problemas com homofobia explicitamente.

Mesmo com diferenças no jeito de lidar com sua condição sexual, entendemos que @s docentes que são homossexuais, de certo modo vivem com um sentimento de insegurança por serem gays. Até mesmo os que se assumem perante à comunidade escolar, se assumem com medo da não aceitação, mas preferem enfrentar essa possibilidade.

Com os trabalhos escolhidos pudemos perceber que a diversidade de gênero está mais presente do que nunca na sociedade. O que pode ser o resultado de toda a força que a visibilidade da causa LGBTQIA+ apontada no primeiro capítulo está ganhando e, também pela coragem que parte das pessoas homossexuais estão tendo para lutarem contra o preconceito e a homofobia, se assumindo e mostrando quem realmente são.

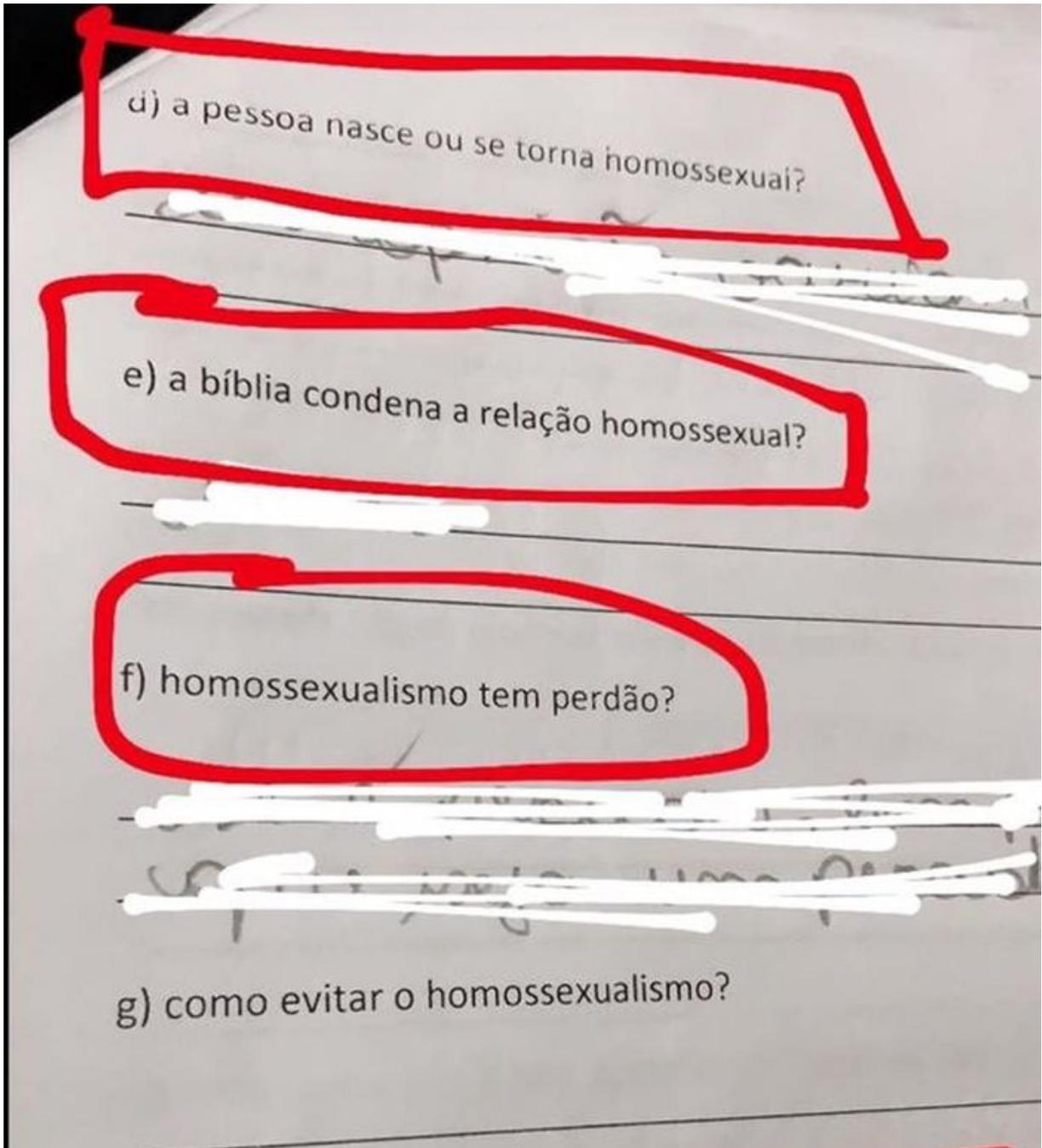
Obviamente, o medo e a insegurança existem. Mas a vontade de serem cidadãos vistos e tratados igualmente a todos, nos parece maior em alguns casos. Porém em outros, é perceptível o quanto a questão do medo social está enraizado, e impede algumas pessoas de se assumirem e falarem abertamente sobre sua condição sexual.

Nos trabalhos acadêmicos também percebemos, que a visão que a sociedade tem de professor@s, é que são sempre pessoas padronizadas pelo "senso comum". Uma pessoa heterossexual, branca, com uma família tradicional formada e que não toca em assuntos considerados tabus.

Assim, compreendemos que ser professor e homossexual, é um grande desafio, e também um ato de coragem ao assumir sua sexualidade frente à sua profissão e à comunidade escolar.

Muitas das vezes o preconceito não vem por parte dos alunos, ele é inserido por meio de sua criação, cultura, e até mesmo através da escola. Isso nos remete a um fato recente, em que uma escola particular, em Belém, aplicou uma prova com conteúdo homofóbico, gerando uma grande repercussão, tendo em vista que a escola praticou homofobia e também incitou os alunos de forma negativa.

Fotografia 11 - Prova que foi aplicada na escola.



Fonte: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/11/19/familia-denuncia-escola-particular-por-passar-prova-contendo-perguntas-homofobicas-em-belem.ghtml>

A homofobia é algo construído/introduzido já que o homossexual é totalmente fora do "padrão" imposto pela sociedade e, estar fora desse padrão é ser considerado como "ser ridículo". "Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo" (LOURO, 1999, p. 19).

Na dissertação de França encontramos um relato de um professor em que a diretora da escola teve uma atitude totalmente homofóbica com o mesmo, ao dizer "você vai ficar

andando assim rebolando pelos corredores da escola? Você tá afim de dar a sua bundinha? Tá afim de que os outros meninos peçam a sua bundinha". A atitude da diretora perante o professor só sustenta a construção da homofobia e também o fato de constranger o professor, abrindo espaço para que ele seja alvo de brincadeiras e piadas no ambiente escolar.

Ao que vimos durante a análise dos artigos escolhidos, @s professor@s estão designados a vivenciarem essas situações e, a sociedade em geral está habituada a causar essas situações. Segundo o ex deputado federal Jean Wyllys (2013) a escola deve ser pautada pelo princípio da laicidade, pelo princípio da diferença, pelo respeito à diversidade<sup>2</sup>, só assim ela sustentará todos os tipos de diversidades e diferenças presentes dentro dela, seja com seus alunos, professor@s, ou comunidade escolar.

Temos o medo como o principal sujeito encontrado em todos os trabalhos acadêmicos. O que seria o medo?

O medo é um estado de progressiva insegurança e angústia, de impotência e invalidez crescentes, ante a impressão iminente de que sucederá algo que queríamos evitar e que progressivamente nos consideramos menos capazes de fazer. (DALGALARRONDO, 2006, p. 109)

Como visto na fala do professor Joca, o medo está presente, a mistura de insegurança e angústia

Nunca me perguntaram "professor, você é gay?". Mas eu estou sempre falando o que penso disso. [...] Mas eu nunca falei pra menino "sou gay". Mas eu imagino que a qualquer momento eu vou falar, mas ainda não chegou esse momento não. Eu tenho clareza da importância de falar disso. Porém hoje eu não estou pronto para falar disso e confesso até certo medo. (Professor Joca) (FRANÇA, 2014).

Nos trabalhos acadêmicos, vimos também sobre a aceitação, o que por parte de muitos professor@s ainda é muito difícil, tendo em vista a relação profissional e pessoal, mas existem professor@s que se aceitam e se posicionam sobre quem são dentro da sua área de trabalho, quando perguntado sobre o que significa o professor se assumir e se aceitar dentro da sua área de trabalho, foi encontrada a resposta de que:

“Significa me aceitar e tentar se fazer aceito, porque isso é uma coisa normal, ou pelo menos deveria ser na sociedade” (professor I). (SILVA; CHAGAS; SILVA, 2016).

<sup>2</sup> Fala do Deputado Federal Jean Wyllys na audiência pública promovida pela Comissão de Educação do dia 13/06/13. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=yQsi8tJbWQE&feature=youtu.be> >. Acesso em 22 de novembro de 2019.

## 5 CONSIDERAÇÕES, LONGE DE SEREM FINAIS

Não quero esse padrão  
 Que não me tira do chão  
 Mas me conduz a crer  
 Que há apenas um modo de viver  
 Não posso crescer  
 Nesse sistema de ser  
 Formatado  
 Moldado  
 Enquadrado  
 Quero ser arte sem quadro  
 (Sergio Phu)

Ao concluirmos essa pesquisa, notamos que os professor@s homossexuais enfrentam muitos desafios e ainda existe muitos tabus para serem aniquilados. A pesquisa foi um momento de total reflexão e transformação para nós, cada conhecimento novo adquirido e compartilhado, foi de extrema importância.

Quando mencionado “considerações longe de serem finais” é com a finalidade de dizer que essa pesquisa não acaba aqui, ela é só o começo de muitas coisas que devem ser pesquisadas e exploradas. A população de professor@s LGBTQIA+ é grande, grandes educadores escondidos dentro de um “armário” muita das vezes, já que a sociedade não aceita ser fora do padrão.

Nossa pesquisa nos remete à isso, professor@s que não querem ser limitados e sim ilimitados, para ser o que eles quiserem. Conciliar a docência e a homossexualidade, não é algo difícil como visto durante a pesquisa, o difícil é lidar com o medo/homofobia/preconceito.

Quanto à homofobia, Louro afirma que:

[...] sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 1999, p. p.30)

E é isso que professor@s homossexuais tem vivenciado, um espaço onde seria o espaço do conhecimento, sendo o espaço da ignorância ao “silenciar” a voz de um docente, simplesmente pelo fato do mesmo ser homossexual.

A pesquisa nos deixou muito atentas à pequenas atitudes de outras pessoas no ambiente escolar que querendo ou não, já são indícios de homofobia, piadinhas, comentários ofensivos.

Este trabalho nos serviu muito para conhecer experiências e vivências, tanto positivas quanto negativas, relatadas por professor@s homossexuais.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 10 Dez. 2019.
- BRASIL. Constituição. República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 10 Dez. 2019.
- BRASIL. Constituição. República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 10 Dez. 2019.
- BRASIL. Constituição. República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 10 Dez. 2019.
- BRITZMAN, Deborah P. **O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo**. Porto Alegre, v. 21, 1996.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. **Eu acho que a minha identidade de professora é homossexual”: narrativas e experiências de professor@s homossexuais**. Juiz de Fora, 2014. Dissertação () - Universidade Federal de Juiz de Fora.
- GREEN, James N.. Mais amor e mais tesço: história da homossexualidade no Brasil. **revista de estudos femininos**, UFSC, v. 8, n. 2, 2000. centro de filosofia e estudos humanos.
- ILGA, International Lesbian and Gay Association. **Homofobia do Estado**: uma pesquisa mundial sobre legislações que proíbem relações sexuais consensuais entre adultos do mesmo sexo. 2009. Disponível em: [https://rets.org.br/sites/default/files/ILGA\\_Homofobia\\_do\\_Estado\\_2012.pdf](https://rets.org.br/sites/default/files/ILGA_Homofobia_do_Estado_2012.pdf). Acesso em: 10 Dez. 2019.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MELLO; GROSSI; UZIEL. Professores Homossexuais: suas vivências frente à comunidade

escolar. *In*: ANAIS II SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS . 2011, Universidade Estadual de Londrina: GT6 Gênero e Educação, 2011.

MOLINA, Luana Pagano Peres. **Professores Homossexuais**: suas vivências frente à comunidade escolar. Londrina, 2011. Monografia (Especialização em Psicologia Aplicada à Educação) - Universidade Estadual de Londrina, 2011.

SEFFNER, Fernando. **Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção das identidades(s) e da(s) diferença(s)**. 2006.

SILVA, Filipe Antonio Ferreira da ; CHAGAS, Tâmires Karen Eloi das ; SILVA, Regina Celly Clemente. Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos: Narrativas de professores na docência e no cotidiano escolar. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL EM PERNAMBUCO, V. 2016.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Ed. Record.